

SUBMETIDO 30/04/2021

APROVADO 10/09/2021

PUBLICADO ON-LINE 27/09/2021

PUBLICADO 30/12/2022

EDITOR ASSOCIADO

Ellis Regina Ferreira dos Santos

DOI: <http://dx.doi.org/10.18265/1517-0306a2021id5853>

ARTIGO ORIGINAL

Perfil socioeconômico de agricultores familiares no Baixo Amazonas: um estudo na feira municipal de Alenquer, Pará, Brasil

 Francisco Igo Leite Soares ^{[1]*}

 Thiago Almeida Vieira ^[2]

 Victoria Miranda Machado ^[3]

 Franciele dos Santos Mota ^[4]

 Glauce Vitor da Silva ^[5]

[1] francisco.soares@ufopa.edu.br

[2] thiago.vieira@ufopa.edu.br

[3] victoriachado763@gmail.com

[4] ciellymota22@gmail.com

[5] glauce.silva@ufopa.edu.br

Universidade Federal do
Oeste do Pará (UFOPA), Brasil

RESUMO: A Agricultura Familiar (AF) no Brasil é a principal categoria social responsável pelo abastecimento de alimentos para a população, sobretudo nas pequenas e médias cidades. Nesse sentido, o presente estudo busca identificar o perfil socioeconômico de agricultores familiares no Baixo Amazonas, considerando como recorte os agricultores familiares no município de Alenquer, estado do Pará, Brasil, que comercializam seus produtos na Feira do Produtor Rural. Foi realizado um estudo de caso qualitativo, com aplicação de entrevista semiestruturada a 14 agricultores e/ou comerciantes. Para triangular as informações obtidas e se analisarem os dados, tomaram-se como parâmetro os resultados apresentados pelo Censo Agropecuário de 2017. Assim, verificou-se que 21,4% dos respondentes possuem propriedades menores que 1 hectare; 50% possuem de 2 a 3 integrantes da família envolvidos diretamente nas atividades agrícolas; e a população jovem tem migrado para as grandes cidades em busca de alternativas de trabalho. Além disso, os ganhos obtidos por meio da agricultura familiar constituem complemento da renda dessas famílias, já que estas, em sua maioria, são beneficiárias do Programa Bolsa Família e/ou recebem aposentadoria. Ademais, os rendimentos não chegam a um salário mínimo.

Palavras-chave: agricultura familiar; Amazônia Oriental; socioeconomia.

Socioeconomic profile of family farmers in Baixo Amazonas: a study at the municipal fair of Alenquer, Pará, Brazil

ABSTRACT: Family Agriculture (FA) in Brazil is one of the main social categories responsible for supplying primary products to the population, especially in small and medium-sized cities. In this sense, the present study seeks to identify the socioeconomic profile of family farmers in the Lower Amazon region, taking as cohort the family farmers in the municipality of Alenquer, Pará, Brazil, who

*Autor para correspondência.

market their products at the Rural Producer Fair. A quali-quantitative case study was carried out with the application of semi-structured questionnaires to fourteen farmers and/or traders. To ensure the validity of the information obtained, the data took as a parameter the results presented by the Agricultural Census of 2017. Thus, it was found that 21.4% of the respondents have properties smaller than 1 hectare; 50% have 2 to 3 family members directly involved in agricultural activities, and the young population has migrated to large cities in search of alternative work. In addition, the gains obtained through family farming are a supplement to the income of these families, who are mostly beneficiaries of the governmental Bolsa Família program and receive retirement benefits. In addition, earnings do not reach a minimum wage.

.....
Keywords: family farming; socioeconomic; Oriental Amazon.
.....

1 Introdução

A Agricultura Familiar (AF) representa um papel importante para a produção de alimentos, sendo um dos principais responsáveis pela segurança alimentar (GRISA; GAZOLLA.; SCHNEIDER, 2010), predominando em termos numéricos no Brasil. Por esse motivo, a AF tem sido objeto de diversos estudos no âmbito acadêmico.

Estima-se que cerca de 70% da comida que chega à mesa dos brasileiros é proveniente da agricultura familiar (BITTENCOURT, 2018). Ribeiro, Jaime e Ventura (2017) ressaltam a importância da orientação da AF para a Agricultura Sensível à Nutrição, por meio de um modelo socioeconômico e ambiental, na promoção da saúde.

Além disso, o Brasil ocupa uma posição de destaque entre os maiores exportadores agrícolas do mundo, em especial no que se refere à segurança alimentar (SANTOS *et al.*, 2016).

A AF também contribui com ocupação de pessoas no campo, uma vez que oportuniza renda a pessoas que compõem a mão de obra familiar, gerando postos de trabalho no meio rural. Conforme o último Censo Agropecuário (IBGE, 2017), a AF mantém mais de 15 milhões de pessoas ocupadas com atividades agropecuárias.

De acordo com o Censo, a soja é a lavoura com maior produção no Brasil, seguida de cana-de-açúcar, milho e café. O total de hectares por áreas de estabelecimento agropecuário no país é de 351 milhões (IBGE, 2017). Entre os destaques regionais, o Pará aparece como primeiro estado da região Norte em valor de produção agrícola, com mais de R\$ 13,5 bilhões ao ano, e representa 46,6% da produção de toda a região.

A lavoura temporária paraense tem como principais produções a mandioca e a soja. Já na lavoura permanente, destacam-se o açaí e a laranja. Salienta-se também que 85% dos estabelecimentos agrícolas do referido estado são provenientes da agricultura familiar, com um total de 239.737 unidades (IBGE, 2017).

Na região do Baixo Amazonas, no município de Alenquer-PA, a produção agrícola familiar constitui uma das principais fontes de renda, tendo, segundo a Coordenadoria de Geoprocessamento e Monitoramento Ambiental (BRASIL, 2015), mais de 7.000 pessoas ocupadas na AF. Em 2020, o município figura como o décimo maior produtor de lavoura permanente do estado do Pará, com uma produção de 164.478 toneladas, apresentando uma variação positiva de 30% em relação ao ano de 2019 (FAPESPA, 2021).

Diante de tais informações e com base na importância da agricultura familiar para a economia brasileira, sobretudo para o município em destaque, esta pesquisa objetivou traçar o perfil socioeconômico dos agricultores familiares que comercializam seus produtos na Feira do Produtor Rural da cidade de Alenquer-PA.

2 Referencial teórico

Nesta seção, serão abordados de forma breve os conceitos e dados sobre a agricultura familiar e as feiras livres.

2.1 Agricultura familiar

O debate acerca do papel da AF para o desenvolvimento do país ganhou força com o passar dos anos, sendo conduzido, sobretudo, pela ótica de desenvolvimento local e em longo prazo, geração de emprego, renda e segurança alimentar (INCRA, 2000). No contexto histórico, a AF foi introduzida no cenário político apenas na primeira metade dos anos 1990 e era denominada sob diferentes expressões, como minifúndios, pequenos produtores, agricultores de subsistência ou agricultores de baixa renda, mas, no geral, era conhecida como pequena produção (NAVARRO, 2010).

Houve um período em que a agricultura era a principal atividade econômica mundial, pois, além de produzir os alimentos básicos para as pessoas, também empregava boa parte da mão de obra no desempenho de atividades agropecuárias, nas quais a força humana era a mais importante ferramenta de trabalho (SERENINI; MALYSZ, 2014). Wanderley (2009) afirma que a AF é aquela praticada pela família que não só é proprietária dos meios de produção como também trabalha no local da produção.

A Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006 (BRASIL, 2006), estabeleceu os critérios para a identificação dos agricultores familiares:

Art. 3º Para os efeitos desta Lei, considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos: I- não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; II- utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III- tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; IV- dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

Na perspectiva do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (BRASIL, 2019), a atividade constitui-se de pequenos produtores rurais, comunidades tradicionais, assentados da reforma agrária, silvicultores, aquicultores, extrativistas e pescadores, reforçando, ainda, que esse setor sobressai pelas produções de milho, raiz de mandioca, pecuária leiteira, gado de corte, ovinos, caprinos, oleícolas, feijão, cana, arroz, suínos, aves, café, trigo, mamona, fruticulturas e hortaliças. Gomes Junior e Botelho Filho (2008) ressaltam a importância da AF como sendo um arranjo de produção e de práticas sociais, que produz bens materiais e imateriais para a sociedade, possuindo relevância histórica na preservação de costumes e hábitos alimentares, além de poder contribuir de forma decisiva na composição da condição de segurança alimentar e nutricional da sociedade.

2.2 Feiras livres

As feiras livres são espaços nos quais os agricultores, produtores e feirantes de um determinado local estão presentes pessoalmente para vender sua produção diretamente para o público (CAZANE; MACHADO; SAMPAIO, 2014). De acordo com Cazane, Machado e Sampaio (2014), as feiras livres configuram-se como importantes estruturas de suprimento de alimentos nas cidades, promovendo o desenvolvimento econômico e social e fomentando a economia local. Para Silvestre *et al.* (2006), as feiras livres também possibilitam o acesso dos agricultores ao mercado, gerando renda para contribuir para a manutenção familiar, sendo considerada uma importante política distributiva, possibilitando que a renda da população permaneça no município e contribuindo para seu desenvolvimento socioeconômico.

Em tal contexto, o praticante desse tipo de comércio desempenhou e desempenha uma atividade de grande importância, por ser essa uma das principais formas de comercialização da produção agrícola e principal comércio varejista de abastecimento para uma parcela considerável da população. As feiras caracterizam-se como um ponto comercial popular e geralmente atendem a um tipo de consumidor específico, que busca produtos frescos, saudáveis e principalmente ofertados a um valor acessível. Assim, os produtos comercializados nesses entrepostos vão variando, dependendo da proporção cultural de cada município e da região onde se encontram inseridos (GERHARD; PENALOZA, 2018).

No Brasil, é comum que famílias vindas do campo ou da cidade comercializem seus produtos para aumentar a sua renda. Dessa forma, as feiras assumem importante papel em fazer circular o capital e proporcionar o dinamismo econômico na região (BEZERRA; SCHLINDWEIN, 2017). Santos (2013) ressalta que elas são uma realidade e envolvem significativos fluxos de mercadorias, pessoas e informações, integrando áreas rurais, pequenas, médias e grandes cidades, desenvolvendo uma atividade ainda hoje importante para muitos sujeitos urbanos e rurais.

3 Metodologia da pesquisa

A pesquisa foi realizada no mês de fevereiro de 2020, antes de ser declarada a Pandemia de Covid-19 pela Organização Mundial de Saúde. Para a coleta de dados, foi elaborado um formulário com perguntas semiestruturadas, baseadas em questionamentos que remetem ao objetivo proposto. Quanto aos procedimentos, inicialmente fez-se uma pesquisa de cunho bibliográfico, para embasamento teórico. De acordo com Gil (2017), esse tipo de pesquisa é realizado com o apoio de materiais publicados, sendo que, neste caso, recorreu-se aos disponibilizados na internet, especialmente aos periódicos especializados.

Caracteriza-se, ainda, como um estudo de caso de natureza quali-quantitativa. Prodanov e Freitas (2013) prescrevem que, no estudo de caso, busca-se coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa.

Quanto aos métodos utilizados, em sua perspectiva qualitativa, Beuren (2004) revela que essa metodologia descreve a complexidade de um problema e analisa a interação de certas variáveis. Em seu aspecto quantitativo, Marconi e Lakatos (2017) prescrevem a estruturação de passos de pesquisa por meio da descrição quantitativa da sociedade, considerada como um todo organizado.

A área de estudo (Figura 1) consiste em uma feira denominada “Feira do Produtor Rural”, a qual se encontra no município de Alenquer-PA, situada na Avenida Getúlio Vargas, com funcionamento semanal sempre às quintas-feiras. No ano de 2021, estimava-se que a cidade possuía uma população de 57.390 habitantes. A cidade em estudo está localizada na Mesorregião do Baixo Amazonas, no Norte brasileiro, com uma área territorial de 23.645,452 km² (IBGE, 2021).

Figura 1 ►

Feira do Produtor Rural de Alenquer, Pará.

Fonte: arquivo pessoal dos autores



As famílias deslocam-se de suas comunidades até a cidade e comercializam seus produtos no referido estabelecimento. São aproximadamente 22 agricultores familiares que utilizam esse espaço comum para a venda dos produtos. Para a amostra deste estudo, entretanto, levou-se em consideração somente os agricultores produtores/feirantes atuantes nos *boxes* de vendas, totalizando, portanto, 14 agricultores. Para a tabulação dos dados, contou-se com o auxílio do programa Microsoft Excel. A análise foi realizada por meio da estatística descritiva.

4 Resultados da pesquisa

A partir da análise dos dados, foi possível traçar o perfil e as características socioeconômicas dos agricultores familiares. A base familiar desse segmento de agricultura não é apenas uma variável descritiva, mas um dos pilares de um sistema, o qual é composto por família, produção e trabalho (PICOLOTTO, 2014).

Os produtos são oriundos de dez comunidades do município de Alenquer-PA: Garapé da Areia, Santo Antônio da Gertrudes, Santa Luzia, Miranda, Uruchí, Açai Curumu, Colônia Nova, Camburão, Vila Maranhense e Surubiú Açu.

Os produtos agrícolas comercializados na feira consistem em frutas, verduras, legumes e hortaliças, como também em molhos de pimenta, temperos, castanhas do Pará e de caju, beijus (iguaria feita de mandioca ou tapioca) e plantas medicinais.

De acordo com os agricultores, os produtos mais procurados são: farinha de mandioca, feijão, pupunha, farinha de tapioca, frutas (limão, goiaba, cupuaçu, banana, maracujá e tangerina), verduras (cebola, tomate, repolho, alface, jerimum, maxixe, entre outras).

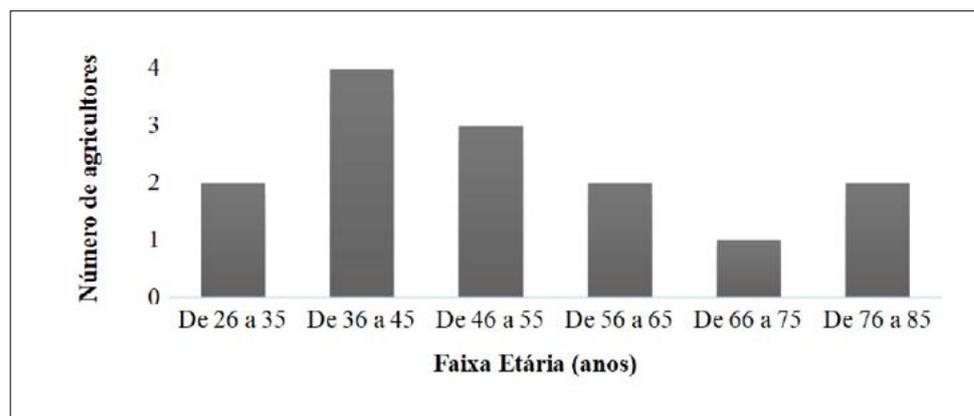
Com base nas informações obtidas, constatou-se que, dos 14 respondentes, 71,5% declararam-se agricultores familiares, já que realizam todo o processo produtivo (plantação, colheita e venda) junto com suas famílias. Vale ressaltar que a legislação brasileira considera como agricultor familiar quem se enquadra nos critérios estabelecidos

pela Lei nº 11.326/2006 (CORCIOLI; CAMARGO, 2018). Os 28,5% restantes alegaram que são apenas comerciantes, ou seja, compram os produtos agrícolas de terceiros e aproveitam para fazer a revenda no espaço que a feira oferece. Diferente do agricultor familiar, que precisa produzir independentemente do mercado, o comerciante decide livremente onde e como investir seu capital e força de trabalho (FINATTO; SALAMONI, 2008) e, por se tratar de uma feira, denomina-se de feirante.

O tempo de atuação dos agricultores neste setor varia de 6 a 65 anos. A faixa etária como maior quantidade de agricultores familiares – homens e mulheres – está compreendida entre 36 até 55 anos (Figura 2), dado que se coaduna com os números do levantamento do Censo Agro (IBGE, 2017), que evidenciou que a maioria dos agricultores familiares incluindo homens e mulheres está na faixa etária de 45 a 54 anos.

Figura 2 ►

Perfil etário dos agricultores familiares que comercializam a produção na Feira do Produtor Rural de Alenquer, Pará.
Fonte: dados da pesquisa



Deve-se considerar que o perfil etário dos agricultores/feirantes está em sintonia com as transformações sociais que o meio rural tem sofrido no Brasil, sendo uma delas o aumento de agricultores com idades mais avançadas e menos jovens nessa área de trabalho. De acordo com Oliveira, Mendes e Vasconcelos (2021, p. 4), “a decisão dos jovens em continuar ou não na propriedade rural, geralmente, está ligada a fatores como políticas públicas atraentes”. Deduz-se que o principal motivo da ausência ou o desinteresse dos jovens por essa atividade é a busca de melhores condições de trabalho e de vida, resultando na migração para os centros urbanos.

Assim sendo, pessoas com mais de 65 anos correspondem a 21,4% dos moradores de áreas rurais, porcentagem que, em 2006, era de 17,5%. Já os mais jovens, com idade entre 25 e 35 anos, representam apenas 9,5%, enquanto na faixa de 55 a 65 anos o percentual é de 24% (IBGE, 2017).

Essa realidade, em que o jovem migra para as cidades, muito em função da precariedade do trabalho remunerado, do desemprego e da baixa remuneração da agricultura, leva o agricultor de idade mais avançada a continuar a chefiar a família, quando a fase seria de descanso (GUSMÃO; ALCÂNTARA, 2008).

Ademais, quando se analisa a participação de mulheres na comercialização dos produtos oriundos da agricultura familiar na feira, observa-se sua grande atuação. Na feira estudada, constatou-se que a participação feminina, enquanto agricultoras familiares, atuantes na Feira do Produtor Rural, foi de 71,4%, ou seja, as mulheres assumiram um papel de destaque na atividade em Alenquer. Dados recentes mostram que o número de estabelecimentos de produção agrícola administrados por mulheres subiu para 18,6%, ou seja, existe cerca de um milhão de mulheres envolvidas (IBGE, 2017).

Pode-se, pois, perceber o protagonismo que as mulheres desempenham na agricultura familiar, colaborando para o incremento na renda de suas famílias. Pela primeira vez, o Censo apontou um aumento da participação das mulheres nas atividades produtivas da agricultura familiar.

De acordo com Baronio e Geiger (2018), o papel da mulher na AF ainda tem sido relacionado com matrimônio e reprodução (maternidade). Na região do Baixo Amazonas, contudo, as mulheres têm protagonismo na agricultura familiar, com destaque em atividades produtivas e comunitárias (SOUSA; SERRÃO; VIEIRA, 2021; SOUSA; VIEIRA, 2022).

Existem 946 mil produtoras na direção dos trabalhos, e mais 817 mil participam na administração do estabelecimento de forma compartilhada com o cônjuge (IBGE, 2017).

Em relação ao nível de instrução dos entrevistados, observou-se que 50% nunca frequentaram a escola, 43% possuem ensino fundamental incompleto e 7% possuem o ensino médio completo. Tratando-se do quadro familiar, verificou-se que, dos respondentes, 50% possuem de 2 a 3 integrantes na família, enquanto 14% têm um quadro familiar com 4 a 5 pessoas; 36% afirmaram que têm uma família com 6 ou mais integrantes.

Segundo o Censo Agropecuário (IBGE, 2017), 20% dos estabelecimentos são comandados por casais, os quais dividem as responsabilidades relativas à propriedade, produção e comercialização dos gêneros agrícolas. Quando perguntados sobre quantas pessoas ajudavam na produção do campo, 64% responderam que somente 2 ou 3 pessoas ajudam no trabalho. Percebe-se, portanto, uma convergência com os dados do Censo, visto que, em alguns *boxes* da feira, foi perceptível a presença de casais trabalhando conjuntamente.

Um percentual mínimo de 8% dos entrevistados respondeu que 4 ou 5 pessoas integrantes da família colaboram na produção da agricultura. Com isso, 28% afirmaram que todas as pessoas que compõem seu quadro familiar ajudam na produção e/ou na venda dos produtos.

Quanto à propriedade de terra, constatou-se que 21% dos agricultores familiares entrevistados possuem uma área inferior a 1 hectare. De acordo com Freitas e Wander (2017), 70% dos estabelecimentos mundiais possuem menos de 1 hectare.

O município de Alenquer, consoante dados divulgados no Caderno Territorial do Baixo Amazonas, possui o número de 2.151 estabelecimentos da AF (BRASIL, 2015). Do total de entrevistados pela presente pesquisa, 64% não souberam responder qual o tamanho da área utilizada para os cultivos agrícolas. Esse é um dos problemas enfrentados por parte dos agricultores: por desconhecerem a área, geralmente não formalizam o empreendimento (BUSARELLO; WATANABE, 2014).

De acordo com a Lei nº 11.326/2006 (BRASIL, 2006), a renda desses indivíduos deve ser majoritariamente do trabalho com agricultura. Quando, entretanto, perguntados se a renda para sustentar a família advinha somente da AF, 57,1% responderam que não, pois são também beneficiados por programas governamentais como Programa Bolsa Família e/ou aposentadoria. Assim, afirmaram que tais recursos do governo complementam o obtido com a AF, que, segundo eles, não supre suas necessidades.

Com isso, pôde-se constatar que as rendas que as famílias geram com as vendas dos produtos correspondem a valores menores que um salário mínimo. Aproximadamente 86% afirmam ter rendimentos mensais inferiores a esse valor. Esse fator faz com que essas pessoas busquem formas alternativas de ganhos que vão para além da AF, pois, como já exposto, para algumas famílias, o retorno das vendas agrícolas não é suficiente

para suprir suas necessidades básicas. Apenas 14% dos respondentes informaram obter rendimentos de um salário mínimo.

5 Considerações finais

A agricultura familiar tem forte contribuição na geração de renda nos pequenos municípios da Amazônia e apresenta resultados consideráveis para a dinamização da economia local.

Na cidade de Alenquer, existem apenas dois estabelecimentos onde são comercializados, especificamente, produtos agrícolas, sendo a “Feira do Produtor Rural” o principal espaço de comercialização da agricultura familiar. No local, é possível que as famílias comercializem suas produções diretamente para clientes finais que, por sua vez, buscam constantemente produtos agrícolas e menos industrializados.

As mulheres têm predominância no trabalho de comercialização observado na feira estudada. O núcleo familiar é constituído em sua maioria por 2 a 3 pessoas; possui renda mensal menor que um salário mínimo, sendo subsidiada por programas governamentais de transferência condicionada de renda e benefícios sociais, tais como bolsa família e aposentadoria; possui estabelecimento menor que 1 hectare, onde são produzidos hortaliças, legumes, frutas, farinhas e grãos.

Por fim, o perfil socioeconômico traçado pode contribuir para o aprofundamento de pesquisas futuras, ao abordar questões relevantes, tais como: a representatividade da mulher na AF; o desinteresse dos jovens nessa atividade; e o tamanho da propriedade associado com o ganho mensal ou anual do nível de produção.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com suporte financeiro da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), através do Edital nº 02/2020 – PROPPIT/UFOPA – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Programa de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI) e Programa de Iniciação Científica Voluntária (PIVIC) – Cadastro de Reserva.

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Referências

BARONIO, F. C.; GEIGER, L. A construção do ser mulher na agricultura familiar: uma perspectiva logoterapêutica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 24, n. 1, p. 91-97, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018V24N1.10>.

BEUREN, I. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

BEZERRA, G. J.; SCHLINDWEIN, M. M. Agricultura familiar como geração de renda e desenvolvimento local: uma análise para Dourados, MS, Brasil. **Interações**, v. 18, n. 1, p. 3-15, 2017. DOI: [https://doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.18-n.1\(01\)](https://doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.18-n.1(01)).

BITTENCOURT, D. Agricultura familiar, desafios e oportunidades rumo à inovação. **Embrapa Notícias**, 23 jan. 2018. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/31505030/artigo--agricultura-familiar-desafios-e-oportunidades-rumo-a-inovacao>. Acesso em: 28 fev. 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111326.htm. Acesso em: 7 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Agricultura familiar**. Brasília, DF: MAPA, 2019. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/agricultura-familiar/agricultura-familiar-1>. Acesso em: 12 fev. 2020.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Coordenadoria de Geoprocessamento e Monitoramento Ambiental (CGMA). **Caderno Territorial do Baixo Amazonas**. 2015. Disponível em: http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_018_Baixo%20Amazonas%20-%20PA.pdf. Acesso em: 10 fev. 2021.

BUSARELLO, C. S.; WATANABE, M. A agricultura familiar e a informalidade: uma contribuição teórica. *In*: SEMINÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS. 4., 2014, Criciúma. **Anais [...]**. Criciúma: UNESC, 2014. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/seminariooca/article/view/1504>. Acesso em: 13 set. 2021.

CAZANE, A. L.; MACHADO, J. G. C. F.; SAMPAIO, F. F. Análise das feiras livres como alternativa de distribuição de frutas, legumes e verduras (FLV). **Informe Gepec**, Toledo, v. 18, n. 1, p. 119-137, 2014. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/gepec/article/view/7355>. Acesso em: 8 dez. 2022.

CORCIOLI, G.; CAMARGO, R. S. Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). *In*: MEDINA, G. (org.). **Agricultura Familiar em Goiás: lições para o assessoramento técnico**. 4. ed. Goiânia: Editora UFG, 2018. p. 253-281.

FAPESPA – FUNDAÇÃO AMAZÔNIA DE AMPARO A ESTUDOS E PESQUISAS DO PARÁ. **Boletim Agropecuário do Estado do Pará 2021**. Belém, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.fapespa.pa.gov.br/noticia/fapespa-lanca-o-boletim-agropecuário-do-para-2021>. Acesso em: 16 dez. 2022.

FINATTO, R. A.; SALAMONI, G. Agricultura familiar e agroecologia: perfil da produção de base agroecológica do município de Pelotas/RS. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 20, n. 2, p. 199-217, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1982-45132008000200012>.

FREITAS, W.; WANDER, A. E. O perfil socioeconômico da agricultura familiar produtora de hortaliças em Anápolis (GO, Brasil). **Revista de Economia da UEG**, v. 13, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/economia/article/view/5882>. Acesso em: 12 dez. 2022.

GERHARD, F.; PENALOZA, V. Resiliência em feiras livres: um estudo no contexto brasileiro. **Interações**, v. 19, n. 4, p. 855-869, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20435/inter.v19i4.1699>.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOMES JUNIOR, N. N.; BOTELHO FILHO, F. B. A agricultura familiar e a construção da segurança alimentar e nutricional: a multifuncionalidade como fator de resistência à insegurança alimentar. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 46., 2008, Rio Branco. **Anais [...]**. Rio Branco: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2008. Disponível em: <http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/109715/2/699.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.

GRISA, C.; GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. A “produção invisível” na agricultura familiar: autoconsumo, segurança alimentar e políticas públicas de desenvolvimento rural. **Agroalimentaria**, Mérida, v. 16, n. 31, p. 65-79, 2010. Disponível em http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1316-03542010000200005. Acesso em: 7 abr. 2020.

GUSMÃO, N. M. M.; ALCÂNTARA, A. O. Velhice, mundo rural e sociedades modernas: tensos itinerários. **Ruris**, v. 2, n. 1, p. 154-180, 2008. DOI: <https://doi.org/10.53000/rr.v2i1.666>.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agro 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br/>. Acesso em: 19 fev. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades**: Alenquer. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/alenquer/panorama>. Acesso em: 15 dez. 2022.

INCRA – INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Novo retrato da agricultura familiar**: o Brasil redescoberto. Brasília, DF: INCRA, 2000. (Projeto de Cooperação Técnica INCRA/FAO, 8).

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

NAVARRO, Z. A agricultura familiar no Brasil: entre a política e as transformações da vida econômica. In: GASQUES, J. G.; VIEIRA FILHO, J. E.; NAVARRO, Z. (org.). **A agricultura brasileira**: desempenho, desafios e perspectiva. Brasília, DF: IPEA, 2010. p. 185-209. Disponível em <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/47918/1/Agricultura-familiar-no-Brasil-cap.-7.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.

OLIVEIRA, M. F.; MENDES, L.; VASCONCELOS, A. C. V. H. Desafios à permanência do jovem no meio rural: um estudo de casos em Piracicaba-SP e Uberlândia-MG. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 59, n. 2, p. 1-19, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.222727>.

PICOLOTTO, E. L. Os atores da construção da categoria agricultura familiar no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 52, suppl. 1, p. 63-84, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20032014000600004>.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.

RIBEIRO, H.; JAIME, P. C.; VENTURA, D. Alimentação e sustentabilidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 31, n. 89, p. 185-198, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890016>.

SANTOS, J. E. Feiras livres: (re)apropriação do território na/da cidade, neste período técnico-científico-informacional. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 17, n. 2, p. 39-59 2013. DOI: <https://doi.org/10.5902/2236499410771>.

SANTOS, L. P.; AVELAR, J. M. B.; SHIKIDA, P. F. A.; CARVALHO, M. A. Agronegócio brasileiro no comércio internacional. **Revista de Ciências Agrárias**, Lisboa, v. 39, n. 1, p. 54-69, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.19084/RCA15065>.

SERENINI, M. J.; MALYSZ, S. T. **A importância da agricultura familiar na produção de alimentos**: os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor. Campo Mourão: Governo do Estado do Paraná, 2014. (Cadernos Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, v. 2). Disponível em http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unespar-campomourao_geo_pdp_marcio_jose_serenini.pdf. Acesso em: 12 dez. 2022.

SILVESTRE, L. H.; QUEIROZ NETO, E.; CALIXTO, J. S.; RAMOS, R. V.; ANTONIALLI, L. M. O que se compra na feira? Perfil e fatores de decisão do consumidor em Lavras, MG. *In*: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL (SOBER), 44., 2006, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Sober, 2006. p. 1-14. Disponível em: <https://ageconsearch.umn.edu/record/149142/files/1110.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.

SOUSA, W. L.; SERRÃO, E. M.; VIEIRA, T. A. Condições socioeconômicas de pescadoras artesanais e agricultoras familiares: o caso do lago Maicá, Santarém, Brasil. **Novos Cadernos NAEA**, v. 24, n. 2, p. 83-102, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/7646>. Acesso em: 12 dez. 2022.

SOUSA, W. L.; VIEIRA, T. A. An Amazonian lake and the quality of life of its women: the case of Maicá, Santarém, Brazil (2018). **Environment, Development and Sustainability**, v. 24, p. 1428-1444, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10668-021-01486-x>.

WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural como espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.